



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

DILEMAS DA RECONSTRUÇÃO SUBJETIVA E LINGUÍSTICA DO SUJEITO AFÁSICO: UMA LEITURA DE ESCRITOR AFÁSICO

Iva Ribeiro Cota¹⁶²
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre os dilemas da reconstrução subjetiva e linguística do sujeito afásico a partir da leitura da obra “De profundis, Valsa Lenta” de José Cardoso Pires e de uma entrevista com este autor no ano da publicação dessa obra com o intuito de analisar o funcionamento da linguagem através dos relatos em forma de memória acompanhando suas dificuldades do ponto de vista linguístico no sentido de nortear a avaliação e o processo de reintegração pessoal e social em casos similares.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia, Linguagem, Sujeito.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma leitura do livro “De profundis, valsa lenta” de José Cardoso Pires (doravante Pires) e de uma entrevista concedida por este autor a Maria Teresa Horta, no Diário de Notícias do dia 11 de julho de 1997, com a

¹⁶² Iva Ribeiro Cota é graduada em Letras com Inglês e Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Participa do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. E-mail: iva.cota@hotmail.com

** Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. E-mail: nirvanafs@terra.com.br

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

finalidade de estabelecer diálogos com o mundo que cerca os sujeitos acometidos por afasia. O que se pretende é aguçar o olhar de pesquisadores para dar visibilidade à vivência de situações reais de avaliação e reintegração de sujeitos afásicos, garantindo, assim, a voz dos que estão enfrentando essas dificuldades.

A leitura da obra proposta é colocada como alvo de estudo por se tratar de um registro das vivências de José Cardoso Pires, escritor português, relatando a doença “ataque isquêmico transitório”¹ que o acometeu em 1995. No episódio, o escritor perdeu temporariamente a memória, ficou afásico, teve afetada sua capacidade de fala e de comunicação. Superada a fase aguda desse acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi)², recupera essas habilidades e, dois anos depois, escreve o texto que ele chama de “testemunho” (PIRES, 1997, p.56), “comunicação de circunstância”, e “apontamento pessoal” (PIRES, 1997, p.57).

Poder-se-ia até considerar pretensão estabelecer um diálogo com tais registros de um afásico que já faleceu, mas diante de documentos tão significativos obtém-se credibilidade para adentrar nesse universo. Antunes, médico que prefacia essa obra, consolida a importância dos estudos para a problemática em questão ao esclarecer que:

é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embora a sensibilidade, se contém o gesto. E, muitas vezes, a agressão, como aquela que o assaltou, deixa cicatriz definitiva, que impede o retorno ao mundo dos realmente vivos. É por isso que o seu testemunho é singular, como

¹ Antunes (1997 p.8), médico neurocirurgião português que testemunhou os episódios vividos por Pires, considera mais apropriado o termo acidente à “ataque isquêmico transitório” – termo da literatura anglo-saxônica. Será utilizada a partir desse ponto a nomenclatura acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi), para referir ao diagnóstico da doença em questão.

² A literatura médica conceitua o AVCi como “o déficit neurológico resultante da insuficiência de suprimento sanguíneo cerebral, que pode ser transitório (episódio isquêmico transitório) ou permanente.” (PIRES, et. al., 2004)



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

é única a linguagem que usa para o transmitir. (ANTUNES, 1997, p 5)

Além desses dados, será interpretada a entrevista concedida por esse autor no ano da publicação da obra em foco trazendo questionamentos que contribuirão para a análise da ótica empregada para escrever essas memórias.

Através desse resgate de dados é que se dará a partida para um estudo que pretende revelar quais os percursos que um sujeito afásico trilhou para reconstituir-se enquanto sujeito, conseqüentemente, para restabelecer a sua linguagem.

Para fundamentar essa pesquisa, primeiramente será discutida a proposta da Neurolinguística Discursiva em Jakobson (1969), Coudry e Possenti, (1983), Coudry (1988) e Morato (2001) no referencial teórico que vem a seguir. Depois, serão elencados os materiais e métodos propostos para sustentar essa pesquisa. Na sequência, o tópico “resultados e discussão” dará o panorama geral da obra e da entrevista submetida à leitura estabelecendo relações com o referencial teórico e por último tem-se o arremate das idéias através das considerações finais.

Referencial Teórico

Para embasar essa pesquisa, tomar-se-á com criticidade, à luz da Neurolinguística Discursiva (ND), as discussões propostas, principalmente, por Jakobson (1969), Coudry e Possenti, (1983), Coudry (1988) e Morato (2001).

Inicialmente, o argumento de afasia da análise das memórias do sujeito em questão será sustentado no seguinte conceito fundamentado por Coudry (1988, p.5):



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

Analisando esse conceito de afasia é importante frisar que “para estudar, de modo adequado, qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.” (JAKOBSON, 1999).

Ao aplicar esse referencial teórico na análise do corpus deste trabalho, pretende-se dar conta de que a ND enfatiza que o sujeito afásico tem um papel ativo e precisa reconstituir-se na interação. Por isso, as concepções teóricas que norteiam essa pesquisa põem em relevo que:

O trabalho de reconstrução dos objetos lingüísticos perdidos é um trabalho em conjunto, rico de experiências recíprocas, de relações intersubjetivas e pessoais em que se criam ‘os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores’ afásicos e não afásicos. (FRANCHI apud COUDRY, 1988, p. XIII)

Assim, o foco é esclarecer que “saber uma língua é constituir pessoalmente enunciações e constituir-se através dela.” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 100), pois, “é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele” (MORATO, 2001, p. 167).

Nesse contexto, para delimitar o fio condutor das discussões sobre linguagem apoiar-se-á:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

em uma concepção abrangente de linguagem o seu funcionamento, na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeitos, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade. (COUDRY, 1988, p.47).

MATERIAIS E MÉTODOS

A condução das reflexões sobre os percursos que um sujeito afásico trilhou para reconstituir-se enquanto sujeito, e, conseqüentemente, para restabelecer a sua linguagem está sustentada por meio de análise obra “De profundis, valsa lenta” e de uma entrevista concedida por Pires à Maria Teresa Horta no Diário de Notícias do dia 11 de julho de 1997 que compõem o corpus deste trabalho.

Em primeiro lugar, priorizou-se uma leitura pormenorizada do corpus e, em segundo, estabeleceu-se um elo entre os dados inferidos e o referencial teórico avaliando a trajetória do sujeito afásico e sua reconstrução linguística. A análise partiu do posicionamento possível de ser inferido a respeito da afasia, linguagem, e sujeito.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois, a intenção é captar o fenômeno em estudo partindo da perspectiva do relato do sujeito afásico em questão, considerando os pontos de vista julgados relevantes e, ainda, coletando os variados dados que propiciem a compreensão de casos similares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao estabelecer um diálogo inicial com a obra “De profundis, valsa lenta” o que se tem no seu título é uma expressão do latim (de profundis) que significa “fora das profundezas”, aliada ao termo valsa lenta para explicar o modo como a



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

escrita foi conduzida a partir das vivências do autor depois da retomada da sua linguagem e por consequência com o resgate da sua subjetividade.

O primeiro registro da obra é uma “Carta a um amigo-novo” proposto como um prefácio para a leitura. Nesse tópico, encontra-se mais do que uma apresentação formal da obra. Trata-se de um registro de um neurocirurgião que acompanhou o caso vivido por Pires e que o avalia sob duas lentes: uma de um dito “amigo-novo” que interagiu com o autor nesse momento de desafios e outra de profissional da área de saúde que submete o caso a um olhar técnico. E, não é só isso. É uma visão de um profissional crítico que submete o modo tradicional de avaliação das afasias à análise quando diz:

o conhecimento científico das alterações das funções nervosas superiores obtém-se em regra por interrogatórios exaustivos, secos, monótonos, e recorrendo a testes padronizados, ou seja, perguntas idiotas cientificamente testadas e estatisticamente aferidas dizem os autores. (PIRES, 1997, p. 5-6)

É ainda nesse misto de carta e parecer médico que encontramos o seguinte relato que sustenta o diagnóstico de afasia:

Não havia dúvida, o José Cardoso Pires sofria de uma afasia fluente grave, ou seja, não era capaz de gerar as palavras e construir as frases que transmitissem as imagens e os pensamentos que algures no seu cérebro iam irrompendo. A sua fala era um desconsolo: atabalhoada, incongruente, polvilhada de parafasias palavras em que os fonemas estavam parcial ou totalmente substituídos. Sem fala, escrita e leitura, a Agência Lusa foi peremptório: morte cerebral, diagnóstico escandalosamente

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

errado do ponto de vista médico, mas humanamente certo.
(PIRES, 1997, p. 8).

Com esse profundo diagnóstico de “morte cerebral” é que se questiona: o que é o homem senão um sujeito de linguagem?

Adentrando a leitura da obra propriamente dita, entre declarações sobre os momentos iniciais do episódio da afasia chega-se a uma revelação sobre a “perda da identidade” que o autor externaliza dizendo “fui desapossado das minhas relações com o mundo e comigo próprio”. (PIRES, 1997, p. 8). Nesta citação, cabe uma consciência do que a linguagem representa para o sujeito afásico e Pires (1997, p.18) continua:

me transferi para um Outro sem nome e sem memória e por consequência incapaz da menor relação passado-presente, de imagem-objecto, do eu com outro alguém ou do real com a visam (sic) que o abstracto contém.

Pires (1997) vai revelando o que a doença apagava e o vazio de tudo que estava ao seu redor representado pela brancura, chegando até a uma percepção da afasia como retrata no excerto:

por intuição ou pelo quer que fosse ele³ devia ter alguma percepção dessa afasia porque muitas vezes cortava a frase ou parava de se exprimir, fazendo um gesto de desistência com um sorriso de resignação. Deixem, não vale a pena, era o que aquilo significava. Dava a ideia de que por enquanto sabia o que pretendia comunicar mas que já não comandava as palavras. (PIRES, 1997, p. 22).

Oscilando entre momentos de desânimo e de busca de sua identidade, o autor tentava recuperar as marcas perdidas na interação com a família:

³ O autor utiliza a terceira pessoa do singular para fazer referência ao seu “eu afásico”.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Os nomes. A preocupação de se reconhecer vivo, identificando-se pela identificação dos outros. Durante a travessia das trevas brancas os diálogos com a Edite⁴ foram em grande parte uma busca e referências, um inquérito em total inconsciência na tentativa de se recapitular para voltar a ser indivíduo com passado. (PIRES, 1997, p. 28-29).

Na tomada de consciência da situação, o autor compreende o significado da falta de memória e sua relação com seus sentimentos externalizando:

a desmemória não só o isolou da realidade objectiva como o destituiu, pode dizer-se, de sentimentos. Perdeu os estímulos de aproximação porque, sem a consciência da identidade que nos posiciona e nos define num framework de experiências e de valores, ninguém pode ser sensível à valia humana do semelhante. As suas virtudes ou os seus males só podem ser reconhecidos como significantes sentimentais em contraponto com a consciência da nossa. identidade, isto é, com a tradição da comunicação que praticamos com a sociedade e com a nossa memória cultural. (PIRES, 1997, p. 29).

Aos poucos, Pires (1997), vai relatando o momento de saída do que ele definiu como “morte branca” e, ao relatar os instantes de reconstrução da percepção de mundo, declara:

acabara de me libertar duma doença mais que maldita, duma cegueira ou dum apagamento por onde andara sem norte e sem dias e que numa viragem sem aviso pessoas e luz, palavras e matéria, tudo tinha voltado à realidade. Existência palpável, o mundo deixara de ser anónimo (sic). (PIRES, 1997, p. 37).

⁴ Edite é a esposa de José Cardoso Pires.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Por último, apresentam-se as “Entrelinhas de uma memória” em cinco pontos significativos para a compreensão dos registros. Nesse momento, o autor justifica e esclarece a apresentação dos dados:

Os erros ou as imprecisões são dados que ilustram a atitude cultural face à doença do dito homem corrente e, juntamente com o seu “modo de contar”, podem revelar a sintaxe dum comportamento de crise e porventura alguns complexos da sua interioridade. (PIRES, 1997, p. 56).

Tomando, agora, a entrevista concedida por Pires a Maria Teresa Horta, no Diário de Notícias, do dia 11 de julho de 1997, sobre a obra “De profundis, valsa lenta”, tem-se a oportunidade de validar a veracidade dos fatos narrados. Em primeiro lugar, ao ser questionado se obra é uma ficção o autor responde “Não, não é”, e, em resposta a outro questionamento, reitera: “Eu queria fazer uma coisa rigorosamente objectiva. E depois, do ponto de vista literário, que é o que me interessa particularmente, tentei fazer aquilo a que se poderia chamar uma escrita branca”. (HORTA, 1997, p.1)

Através dessa dita “escrita branca” que o autor conceitua como “uma escrita despojada, uma escrita substantiva tanto quanto possível” é que se faz “Uma viagem à desmemória, ao homem sem memória, e um homem sem memória é um homem perdido” (HORTA, 1997, p.2).

José Cardoso Pires vai mostrando aspectos importantes que revelam como o livro foi construído “O que conto neste livro foi em grande parte o que me contaram, não foi imaginado”. E, em outro trecho diz: “Perdi as emoções, quase perdi a fala, a fala fica destroçada, perdi as relações, pois quando não se tem



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

memória não se tem relações, quando se perde a leitura e a escrita fica-se impossibilitado de comunicar” (HORTA, 1997, p.2).

E, para dar um desfecho a essa coletânea de dados, o questionamento sobre a identidade traz à tona o seguinte relato de José Cardoso Pires:

Quando andava naquilo sem saber, aparecia uma pessoa, cumprimentava-me, eu olhava-a e nunca tinha conhecimento de quem se tratava. Mas assim que essa pessoa saía perguntava logo quem era. Eu queria entender quem eu era e uma das maneiras de o saber seria saber quem era o outro, porque através do outro tinha referências. (HORTA, 1997, p.2)

Nessa miscelânea de dados que envolvem a obra e a entrevista de Pires é que se pode conduzir a discussão sobre afasia, sujeito e linguagem. Esse corpus vem reafirmar que é possível garantir a voz de sujeitos afásicos em um processo que o reintegre pessoal e socialmente.

É possível confirmar na argumentação proposta por Antunes (1997), tomando como base as proposições de Coudry (1988), que somente a aplicação de testes-padrão não é suficiente para promover a reconstrução subjetiva e linguística dos sujeitos afásicos. Necessita-se de uma reintegração que envolvam afásicos e não afásicos.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCLUSÕES

Ao tomar a análise desses dados obtidos a partir da experiência vivida por Pires, o que se percebe é que a reestruturação da linguagem no caso de afasia se dá pela reintegração social e subjetiva. E, negligenciar o papel das interações neste processo é também desconsiderar a subjetividade. O que se defende a partir desses estudos é que a avaliação e a intervenção linguística eficaz colaboram sobremaneira para a reabilitação do funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos.

Para os pesquisadores das questões que envolvem a afasia cabe destacar que ao adotar uma metodologia eficaz para diagnóstico da afasia pode-se ao mesmo tempo avaliar e realizar uma terapia. Portanto, é necessária uma sensibilidade amparada pela Neurolinguística Discursiva para tratar dessas questões.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, J.L. Carta a um amigo-novo. In: PIRES, J.C. **De profundis, valsa lenta**. 7. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p 3-14



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

COUDRY, M.I.H.. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Edição consultada: 2001.

_____. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

HORTA, M.T. Há mais imaginação na ciência. In: **Diário de Notícias**, Lisboa, 11 de Julho, 1997. Disponível em: <<http://falaremterapeutica.blogspot.com/2007/01/de-profundis-valsalenta.html>>. Acesso em: 18 de maio 2011.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R.. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. Edição consultada: 1999.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.

PIRES, S.L. et al. **Estudo das frequências dos principais fatores de risco para acidente vascular cerebral isquêmico em idosos**. Arq Neuropsiquiatr 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v62n3b/a20v623b.pdf>> Acesso em: 26 de maio 2011.

PIRES. J.C. **De profundis, valsa lenta**. 7. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.